

BARIANI ORTÊNCIO, EXPRESSÃO ÍMPAR DA CULTURA GOIANA

Lêda Selma

Hoje, inaugura-se a Trajetória Centenária de Waldomiro Bariani Ortencio, com esta Sessão Festiva da Academia Goiana de Letras/AGL. Fui designada para representá-la, na saudação ao homenageado, pelo presidente José Ubirajara Galli Vieira, a quem agradeço com alegria. Além do privilégio, uma honra indescritível, presidente. Que eu esteja à altura de nossa ilustre confraria.

É demais comum a criação de mitos. Mitos de barro, de espuma, de papel, e que, com o tempo, quebram-se, dissolvem-se ou estilhaçam-se ao vento. Mitos que vulgarizam, banalizam o sentido do vocábulo. Esses são personagens de faz de conta, que se configuram como simbólicos, ganham espaço e permanecem, por curto ou longo tempo, apenas, feito fantasmas ou lembranças controvertidas e sombreadas.

Há, também, a lenda, título popular para figuras vistas como notáveis, que migraram para a Instância Maior, mas deixaram rastros de sua magnitude, fictícia ou real, nas vertentes artísticas, religiosas, filantrópicas, políticas. Todavia, em torno de muitas delas, não raro, o fantasioso aglutina-se ao real e subjuga-o. Uma conjunção, portanto, da realidade com o ficcional, que gesta alguns mitos impostos e lendas improváveis. Para resgatar a legitimidade e dignidade do mito e da lenda, ninguém menos que uma lenda viva: de carne, osso, cérebro, emoções, talento, luz interior, visão amplificada. Que se fez personalidade de uma trajetória cultural longeva, personalidade predestinada à imortalidade, na História. Falo de Waldomiro Bariani Ortencio. Noventa e nove anos. Produtivo. Desafiador. Aroeira. Que ainda se dedica ao ofício de escrever, que sempre enfrentou vicissitudes, contribuiu e destacou-se em causas nobres, na orientação aos calouros, seja na literatura e na música, seja no folclore ou noutros trilhos artísticos e populares.

Este mito de verdade, lenda viva, quase centenário, esbanja invejável lucidez e ainda participa de encontros culturais. Com mais de 50 obras publicadas, e muitas reeditadas, Bariani Ortencio, paulista de Igarapava, interior de São Paulo, nascido em 24 de julho de 1923, mas no

registro, por um equívoco paterno, 24 de outubro, data de nascimento do próprio pai. Ainda na pré-adolescência, demonstrou seu dom para a literatura, com estreia no jornal estudantil, O Chicote, em Itaperava/SP, onde residiu por alguns anos. Mas a família resolveu mudar-se para Goiás. E pousou em Goiânia, capital que ainda cheirava a fraldas, ou melhor, a terra em rebuliço, em tempo de gestação. A viagem, a bordo de um caminhão, durou 8 dias. E Bariani, no fulgor da adolescência, aos 15 anos, entregava seu coração, definitivamente, à mãe Goiânia. Fato duplamente curioso: sua chegada coincidiu com uma partida de futebol – Atlético Goianiense versus Anápolis – à qual enfronhou-se todo para assistir. Mas... cadê o goleiro do Atlético?! O menino Bariani, no auge da ousadia, não se fez de suplicado e, logo, prontificou-se a desempenhar tal função. Ah! o juiz?! Nada menos que Venerando de Freitas Borges, prefeito da capital. O resultado do jogo, não sei. Por acaso, alguém sabe? Ah! sim, Orieste Gomes informa-nos: 1x0 para o goianiense. Obrigada. É certo, Bariani fez bonito, pois tornou-se goleiro titular do rubro-negro, time também dos irmãos Mendonça Teles – Gilberto e o saudoso José, que, por um bom tempo, jogaram no Dragão – e dos acadêmicos da AGL, Eurico Barbosa, Itami Campos, Nasr Chaul.

Aluno do Liceu, Bariani escrevia textos para o jornal escolar. E não parou mais, ao contrário, assinou crônicas para a Rádio Clube de Goiânia, não raro, publicadas na Folha de Goyaz, jornal que também acolheu meus textos juvenis, por mais de ano.

Bariani chegou a iniciar o curso de Odontologia, porém, não o concluiu. No entanto, foi um pouco de tudo, como bem diz: “Fui alfaiate, jogador de futebol, professor de matemática, comerciante, industrial, minerador, fazendeiro, escritor, folclorista, cozinheiro, pescador, nas horas vagas, e compositor.” Parênteses: compôs várias músicas, muitas delas gravadas por intérpretes reconhecidos. Em 1960, ao ensejo da inauguração da nova capital do Brasil, a Orquestra e Coro RGE gravou a marcha *Brasília vinte e um anos*, de sua autoria, e, no mesmo disco, *Brasília a Capital da Esperança*, em parceria com Henrique Simonetti e Capitão Furtado. Fecho os parênteses. Sem dúvida, um Bariani multifuncional, inegavelmente, bombrilesco. Volto minha atenção para

o cozinheiro que, em parceria com o saudoso escritor Aldair Aires, nos idos de 1978, inventou o Peixe na Telha, que fez o maior sucesso, inclusive, internacionalmente, e é bastante apreciado pelos goianos e visitantes.

Pois é, Bariani Ortencio (que detesta ver seu nome escrito com um 'e' no final, em vez de 'í', e Ortencio com acento), lenda viva da literatura de Goiás, agraciado com os mais importantes prêmios do Estado e outros tantos, nacionais, integrante da Academia Goiana de Letras, Academia Goianiense, União Brasileira de Escritores, Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, de muitas dessas, Tesoureiro vitalício, ainda atuante e palpiteiro, embora quase centenário, continua com as portas abertas do seu lendário sobrado, na Rua 82, para encontros de escritores, de demais artistas, realização de colóquios literários, lançamentos de livros (Maria Helena Chein, Iêda Schmaltz, Aidenor Aires, Ubirajara Galli e tantos outros; também foi palco e cenário da primeira peça teatral de Miguel Jorge, *Os angélicos*). A visitação à sua biblioteca, aberta ao público, surpreende e encanta pelas várias raridades lá expostas, assim como as paredes iconográficas e memoriais, hospedeiras de relíquias preciosas, não só fotográficas, também jornalísticas.

Bariani, genuíno mito da cultura goiana, em plena produtividade (ah! esse mito do bem ama e defende demais da conta a cultura!!!). Bariani da Campininha, do Atlético Clube Goianiense, do emblemático Bazar Paulistinha, ponto de encontro das boas prosas, dos escritores, dos amantes da música, rodada em vinil – Long Play, ou LP, Compacto –, depois, em fita cassete, CD, DVD... Bariani Ortencio, do programa Frutos da Terra, na TV Anhanguera, ao lado do idealizador e apresentador, Hamilton Carneiro. Bariani folclorista premiado, aqui e acolá, cujo trabalho mereceu reconhecimento nacional, presidiu, por anos, a Comissão Goiana de Folclore (hoje, é Presidente de Honra) e sua sucessora, a dinâmica Izabel Signorelli, segue os caminhos do mestre, mas imprimindo sua marca de dedicação e ativismo. Após criada a Comissão Nacional de Folclore, foi editada a Carta Brasileira do Folclore que determinou, aos estados, a constituição de comissões em seus municípios. Goiás, o pioneiro: de pronto, 40 municípios formaram suas comissões. E, por falar em folclore, agosto é o mês do folclore e as comemorações

acontecem aqui e interior afora sob o timbre da Comissão Goiana de Folclore.

Peço licença a todas e todos para uma manifestação intimista: em fevereiro de 2020, pouco antes da pandemia, vivenciei um dos momentos mais bonitos, importantes e emocionantes de minha trajetória literária, aqui, nesta Casa de Cultura e Educação, sede do Instituto Cultural e Educacional Bariani Ortencio/ICEBO, hoje dirigido por seu genro e companheiro de cozinha, Beto Selva, promovido pelo mestre, amigo e confrade, Bariani Ortencio. Havia cumprido meu 2º mandato na presidência da AGL, em outubro de 2019, e passado o leme ao atuante amigo e parceiro, José Ubirajara Galli, timoneiro, já em segundo mandato, quando fui surpreendida pela homenagem, diga-se, inesquecível, com direito a Diploma de Mérito e deliciosa peixada. Sabia a dimensão daquele gesto *bariânico*, pois seu autor, de integridade à prova de qualquer tipo de bajulação e desonestidade intelectual, sempre deixou à mostra sua espontaneidade e honestidade de propósitos. Portanto, a maior honraria que já recebi, e que, hoje, coloco ao lado do Ano Cultural Acadêmico, que ostenta meu nome, outro momento de inexprimível alegria e orgulho.

Waldomiro Bariani Ortencio, ou, simplesmente, Bariani, doou mais de 70 anos à cultura de Goiás. Seu ativismo, em todos os quadrantes culturais, construiu sua própria história e enriqueceu a história do estado de Goiás. Portanto, você, mais do que todos, merece, em vida, como sempre disse querer, o reconhecimento, em forma de homenagens.

Deus o abençoe, Mito da Literatura e Lenda viva da Cultura goiana!
E o obrigada uníssono de sua confraria da AGL.

Obrigada à especial assistência e serena noite desejo-lhe!